

REVISTA
DISCENTES

A REVISTA DO ENSINO MÉDIO DO ESTADO DO CEARÁ



Editorial: o descaso com a educação.

Conto: Um susto muito grande!

Memórias: As aventuras de Toinha.



SUMÁRIO

- 03 EDITORIAL**
Rodrigo Nóbrega Martins
EEFM Estado da Bahia
- 05 UM SUSTO MUITO GRANDE**
Layanne Larissa G. Leite
EEFM Estado da Bahia
- 07 AS AVENTURAS DE TOINHA**
Andryelly Soares Sousa
EEFM Estado da Bahia
- 11 O CRAQUE DE FUTEBOL**
Vanessa Alves et al.
EEFM Estado da Bahia
- 14 UM BEIJO NA MULTIDÃO**
Nádia Rodrigues, Aurilene Gomes Monteiro
EEFM Estado da Bahia
- 19 ENTREVISTA: LUCIANO SIEBRA**
Eduardo Rodrigues Severo et. al.
EEFM Estado da Bahia

**“O FRACASSO É APENAS
UMA OPORTUNIDADE
PARA RECOMEÇAR COM
MAIS INTELIGÊNCIA.”**

HENRY FORD



REVISTA DISCENTES

R. José Pinheiro Esmeraldo, S/N
Pinto Madeira, Crato - CE.
63101-085

WEBSITE

www.portalee.com.br
www.lers.pro.br

INSTAGRAM

[Norma_padrao](https://www.instagram.com/Norma_padrao/)

EXPEDIENTE

EDITOR-CHEFE: RODRIGO NÓBREGA MARTINS.
CONSELHO EDITORIAL: CÍCERO LIANDRO DO NASCIMENTO, ÉRICA DANTAS NEPOMUCENO, JOSÉ ARTHUR DA COSTA FILHO.
TRADUTORES: JOSÉ RENÊ SILVA APOLINÁRIO, RODRIGO NÓBREGA MARTINS.
REVISORES: MANUEL ANTÔNIO LUÍS FILHO, FRANCISCO FIALHO MARTINS ROCHA, YVANDSON NERIS JUSTO LIMA,
DIAGRAMAÇÃO: ANTÔNIO FIDÉLIS JORGE SERENO, MIGUEL ANTÔNIO GOMES CARVALHO JÚNIOR



REVISTA DISCENTES

EDITORIAL

A maioria dos que fazem educação brasileira ainda não percebeu que o esportista de alto nível, o artista de renome nacional e internacional; o matemático brilhante, o físico de alto gabarito e o escritor que toca a alma de milhares de pessoas não estão no adulto porque o adulto é uma consequência das primeiras idades do indivíduo.

A semente que forma o adulto se encontra em repouso na escola básica. Ali as facilidades e tendências do indivíduo podem ser desenvolvidas, para que no futuro possam se tornar frutos que, por sua vez, alimentarão muitas pessoas, servindo de exemplo aos que virão depois de nós.

É no ambiente escolar, na quadra poliesportiva, nos projetos, nos laboratórios, nas feiras de ciências, nas gincanas, nos grêmios estudantis que a força da juventude empolga-se com a matemática, com a história, com o futebol, a flauta, o violão, o inglês, a literatura e rompem os limites até então impostos. Na educação básica está a substância, a força motriz, a essência, a eletricidade que levará o indivíduo vida afora.

É na educação básica que está o extraordinário, a quebra de recordes, de paradigmas; na educação básica está a nova forma de pensar, a inovação, o respeito às diferenças, a tolerância mútua, o saber conviver, a competência, os valores éticos, a consciência política, os futuros gestores públicos que mudarão as tristes realidades sociais que ainda nos fazem sofrer...

Mas tudo isso repousa em forma de semente. Dependendo da qualidade do solo, das regas e do sol, estas sementes desabrocharão fortes, vigorosas, altaneiras. O que tem acontecido é que tais sementes têm sido tratadas com deszele, sem cuidado, sem carinho, sem atenção. Eis porque tantas delas não têm desabrochado como poderiam...

Então a promessa da árvore frondosa resulta numa rama de atrofiado potencial, miúda, fraca pela desatenção, pelo descaso e pelo descompromisso de tantos, em tantas esferas.

Não há mais desculpa para o descaso com a educação deste infausto e potencial país, seja da família, da escola ou dos poderes públicos. E este histórico e tradicional descaso afeta toda a sociedade. Boa leitura. Os editores.



REPERTÓRIO CULTURAL

CECÍLIA MEIRELES



Cecília Meireles foi uma jornalista, pintora, escritora e professora brasileira. É um nome canônico do modernismo brasileiro e uma das grandes poetisas da língua portuguesa. Seu estilo era principalmente neossimbolista e seus temas incluíam tempo efêmero e a vida contemplativa. Embora não se preocupasse com temáticas regionais, vernáculos nativos ou os experimentos em sintaxe popular, ela é considerada uma das poetisas mais importantes da segunda fase do modernismo brasileiro, conhecida pelo vanguardismo nacionalista. Como professora, fez muito para promover reformas educacionais e defendeu a construção de bibliotecas infantis. Entre 1935 e 1938, lecionou na universidade de curta duração do Distrito Federal do Rio de Janeiro.

UM SUSTO MUITO GRANDE!

Layanne Larissa G. Leite



Sou casada com um alemão e moro aqui no Crato há 12 anos. Como boa brasileira, já paguei muitos micos. Estávamos eu e o meu marido em casa, no final de semana, quando ele resolveu comprar um refrigerante. Tínhamos feito uma bela macarronada e não tínhamos nada para acompanhá-la. Como ele não sabe dirigir, me pediu:

- Vamos a uma loja de conveniência?
- Não. Respondi e completei:
- Não tenho carteira ainda.

Eu estava a poucos dias de fazer o exame de habilitação e não queria facilitar.

- Não há perigo – ele arrematou, tentando me convencer. E continuou:
- Já são dez horas da noite, não haverá polícia nenhuma na rua.

Resultado: fomos. A meio caminho, ainda antes da loja de conveniência, um automóvel se aproximou de nós de modo estranho, como se nos observasse. No início fiquei cabreira e ao chegar perto da loja, já estava morrendo de medo. Estava certa de que seria multada e não faria o teste. Os pedidos de calma de meu marido debalde só me davam raiva! Por que diabos eu me metera naquela massada!?

- Meu Deus! Dizia eu: se me pegam dirigindo ilegalmente, tomo uma baita multa e adeus a minha tão sonhada e tão próxima carteira de motorista...

Adentrei à área do posto. Quando finalmente parei o veículo, vi que o outro carro parou bem próximo. O rapaz desceu do carro e veio em direção ao nosso. Desci também, super arrependida do que havia feito.

- Estou perdida! Pensei.

Para minha surpresa, era o meu professor de direção, que também é policial e que, sabendo do susto que nos pregara, já foi dizendo:

- Te peguei em flagrante Layanne!
- Professor!!!!!! Eu... Eu... Estava só... Ai meu Deus!
- Não se assuste. Eu sabia o tempo todo que era você. Percebi porque o carro estava muito para a direita, como você sempre faz nas nossas aulas.

Depois de muitas risadas, apresentei-o ao meu marido. Ao final, ele nos falou:

- Agora compreem o que desejam, voltem para casa e você, Layanne, não dirija mais sem habilitação.

Voltei para casa com as pernas tremendo e agradecendo a Deus. Não dirigi mesmo. Esperei minha habilitação. Ufa!



SOMOS DA NATA DO LIXO, DO LUXO DA ALDEIA, SOMOS DO CEARÁ!

NOVOS HORIZONTES
PARA A PRODUÇÃO
TEXTUAL NO ENSINO
MÉDIO NO ESTADO DO
CEARÁ!

PARTICIPE
CONOSCO!
PUBLIQUE. SOMOS
MAIS DO QUE MIL!
SOMOS UM!



AS AVENTURAS DE TOINHA

Andryelly Soares Sousa – 1º C.

EEFM Estado da Bahia

Todas as noites de domingo minha tia Toinha nos sentava na calçada e contava suas travessuras e feitiços – danações de quando ainda era criança. Nascida e criada no interior, tia Toinha era a mais travessa de todo o sertão. Tinha cada ideia que dava medo até nos adultos. Seus pais viviam preocupados e sobressaltados com o que ela aprontava. Os seus sonhos eram os mais loucos e medonhos; suas histórias e traquinagens, as mais inusitadas. Ela assombrava toda a vizinhança. Não era novidade para ninguém que todos comentavam:

- Essa menina é o capeta em forma de criança.

O sonho de Toinha era ser uma das cangaceiras do bando de Lampião. E de tanto ela sonhar, um dia aconteceu. Num finzinho de tarde quando os primeiros ventos da noite sopravam de leve, lá estava a pequenina Toinha brincando no terreiro de casa e cantando uma de suas cantigas:

UM POUCO DE HISTÓRIA

O cangaço foi um fenômeno do banditismo brasileiro ocorrido no nordeste do país em que os homens do grupo vagavam pelas cidades em busca de justiça e vingança pela falta de emprego, alimento e cidadania, causando o desordenamento da rotina dos camponeses.

Um dos principais líderes do cangaço foi o capitão Lampião (Virgulino Ferreira da Silva). O título de capitão surgiu de uma promessa não cumprida do governo do Ceará de integrar o seu bando aos batalhões patrióticos da guarda nacional caso Lampião e seus homens conseguissem deter o avanço da coluna prestes na cidade de Juazeiro do Norte. O termo cangaço vem da palavra canga (peça de madeira usada para prender junta de bois a um carro ou arado).





- Houve um dia em que Toinha saiu de casa sem avisar e se distanciou um pouco...

De repente a garota foi surpreendida por uns homens fortemente armados com chapéus em forma de meia-lua na cabeça. Muitos usavam óculos escuros. Todos tinham muitos anéis nos dedos. Via-se a pele muito queimada de sol. Eram os cangaceiros! Toinha os olhou maravilhada! Aquilo parecia uma alucinação!

Eles estavam com muita sede. Decerto já haviam andado muito, fugindo da polícia. Pediram água. Toinha que amava os cangaceiros e gostava do perigo, foi correndo buscar água no pote. Em casa, escondida, pegou os beijos que a mãe havia feito e levou uma lata d'água. Os beijos estavam quentinhos e a água fria, refrescante. Eles ficaram muito surpresos com a coragem da menina e lhe fizeram uma proposta: fugir com eles. Ela estava doidinha para ir-se embora, mas falou que não podia porque tinha que ajudar a mãe que estava em casa.

Eles a compreenderam e sorrindo falaram:

- Então tá bom. Não temos como agradecer, mas tome para si esse presente.

Dizendo isto, o chefe dos cangaceiros, com uma das mãos, puxou a mãozinha da tia Toinha. Com a outra tirou de um de seus bolsos uma corrente fininha. O ouro reluziu diante de si.

A corrente era a coisa mais linda que Toinha já tinha visto na vida. Brilhava tanto que refletia em seus olhos. Mas Toinha recusou, pois a mãe ia desconfiar. Agradeceu, se despediu e foi embora. Voltou ao terreiro de casa levando consigo a doce lembrança de mais uma de suas travessuras. Aquelas imagens nunca mais saíram de suas lembranças.

Ao nos contar, tia Toinha tinha tanto brilho no olhar, que ficamos gostando dos cangaceiros também.

LAMPIÃO

O REI DO CANGAÇO

Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião foi um cangaceiro, que atuou no Nordeste do Brasil — exceto no Piauí e no Maranhão, ficando conhecido como Rei do Cangaço, por ser o mais bem-sucedido líder cangaceiro da história. Ganhou seu apelido devido a sua capacidade de disparar consecutivamente, iluminando a noite.

Entrou definitivamente para o cangaço em 1921, após seu pai ter sido morto a tiros pela polícia. Em 1922, tornou-se líder do bando até então comandado por Sinhô Pereira em Pernambuco. No mesmo ano matou o informante que entregou seu pai à polícia e realizou o maior assalto da história do cangaço àquela altura, contra a Baronesa de Água Branca em Alagoas. Em 1929 se juntou a Maria Bonita na Bahia, e em 1930 apareceu no jornal The New York Times pela primeira vez. O bando de Lampião foi cercado na fazenda de Angicos, atual município de Poço Redondo em Sergipe, no ano de 1938. Os cangaceiros foram decapitados e suas cabeças foram fotografadas na cidade alagoana de Piranhas, e expostas em diversas cidades do Nordeste como Maceió e Salvador.

MILTON SANTOS

BROTAS DE MACAÚBAS, BAHIA, 1926 - SÃO PAULO, 2001



“ A FORÇA DA ALIENAÇÃO VEM DESSA FRAGILIDADE DOS INDIVÍDUOS QUANDO APENAS CONSEGUEM IDENTIFICAR O QUE OS SEPARA E NÃO O QUE OS UNE. ”

Geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor universitário brasileiro. Considerado um dos mais renomados intelectuais do Brasil no século XX, foi um dos grandes nomes da renovação da geografia no Brasil ocorrida na década de 1970.



O PLANETA É SEU!

A atitude que pensa insignificante salva
nossa morada!

Cuide do seu lixo;
Poupe sua água.

Tudo começa em você!



O CRAQUE DE FUTEBOL

MARIA IRENILDA DOS SANTOS, VANESSA ALVES FERREIRA, MARIA JOSIANE S. DOS SANTOS AVELINO, JÉSSICA A. DE LIMA PEREIRA

Num bairro bem conhecido, morava um craque de futebol que se chamava Felipe. Ele era tão habilidoso, que muitos times o disputavam. Queriam-no em seu elenco de jogadores.

Ele se achava “o cara” devido ao fato de todos o quererem nos diversos times. Ao iniciar o torneio, ele resolveu jogar num time chamado Corinthians Clube. Após transcorrido todo o campeonato, o seu time iria jogar a partida final contra o Flamengo Clube. O craque estava muito confiante que iria ganhar a competição e que seu time seria campeão.

Todos aguardavam com ansiedade o grande dia. No começo do jogo, as torcidas gritavam frenéticas. Apesar de lances perigosos, da empolgação dos jogadores que se entregavam de corpo e alma às jogadas, o primeiro tempo terminou sem nada de gols.

No vestiário, o técnico falou-lhes duramente. Não podiam perder tantas oportunidades! Que o gol já devia ter saído! Que a marcação podia ser melhor! Que isso... Que aquilo... Que aquilo outro!

“TREINE MUITO, MAS MUITO MESMO, E QUANDO ESTIVER BEM CANSADO, TREINE MAIS UM POUQUINHO, PORQUE ESSE POUQUINHO VAI TE FAZER MELHOR”.

OSCAR SCHMIDT

Os jogadores escutavam com atenção. Ao final daquele sermão, Felipe, o craque disputado por tantas equipes, manifestou-se dizendo que faria o gol do título. Já no início do segundo tempo, o time de Felipe abriu o marcador. Foi um gol ordinário, simples, mas como ele havia prometido, fizera o gol. Nada do futebol-arte, como dizem os locutores.

A torcida foi ao delírio. Como um grito de guerra, todos entoavam o nome do goleador:

- Felipe! Felipe! Felipe! O estádio balançava, as bandeiras agitavam-se e o jogo transcorria sob os gritos de “é campeão”. No finalzinho do segundo tempo, o Flamengo Clube aumentou a pressão, querendo o gol de empate. A tensão aumentava mais e mais.

Faltando poucos minutos, empata-se o jogo. A outra torcida explode em comemoração. O time se abraça, comemorando aquele feito heroico. Uns pulam em cima dos outros. Bandeiras se agitam, o técnico ergue as mãos ao céu. O empate tinha ares de milagre...

O time do Felipe estava triste, desapontado. Aquele resultado só conduziria a partida para um momento mais difícil: a decisão por pênaltis! Cada cobrança era um aperto no coração. Antes de cada chute, as torcidas ficavam quietas para depois explodirem, comemorando ou se lamentando.

Bendiziam o jogador ou xingavam-no conforme o resultado do pênalti! Depois de bastante sofrimento, chegou a vez de Felipe bater. Apesar da tensão, todos tinham por certo que Felipe, dono de uma técnica invejável, converteria o pênalti. Ele caminhou calmamente do centro do campo até a grande área. Arrumou a pelota com cuidado, tomou distância e esperou o juiz autorizar. Ao som do apito, Felipe correu e bateu com segurança! Foi um chute forte, firme, de craque! Mas não foi gol! Felipe não convertera a cobrança.

A torcida adversária comemorou loucamente. Bandeiras agitavam-se em alvoroço! Jogadores do time adversário se abraçavam, choravam, pulavam, agradeciam a Deus, dedicavam o título à família! Bendiziam os treinos duros! Explodiram as comemorações; alguns riam de Felipe, fazendo troça, soltando piadinhas ou cantando o hino do time perdedor em tom de chacota.

Repórteres buscavam os jogadores, buscavam os técnicos de ambos os times. Queriam entrevistas! Alguns entrevistadores buscaram Felipe. Como ele podia ter perdido aquele pênalti e dado a vitória ao outro time!? O que acontecera!? Ficara nervoso!? Não soubera lidar com a pressão!? Sim, amigos leitores! A bola de Felipe havia batido no travessão, fazendo ecoar no estádio o som da bola com o ferro.

Atônito, Felipe olhava a sua torcida. Calado, não respondia a nenhuma pergunta que os repórteres lhe dirigiam. Até empurrou um torcedor que ali tinha ido abraçá-lo em solidariedade. Naquele dia, ele aprendeu algo muito importante na vida: nem sempre somos os melhores! Nem sempre ganhamos. Na vida, perder é tão importante quanto ganhar. Ambas as situações nos dão ricas lições. Na vitória ou na derrota, não podemos faltar com respeito a quem quer que seja.

**O QUE PODEM ACARRETAR O ORGULHO, A VAIDADE OU MESMO O EXCESSO DE
CONFIANÇA? MUITAS VEZES NA VIDA
JULGAMO-NOS POSSUIDORES DESTA
OU DAQUELA QUALIDADE E NOS
ESQUECEMOS DE QUE SEMPRE TEMOS O QUE**

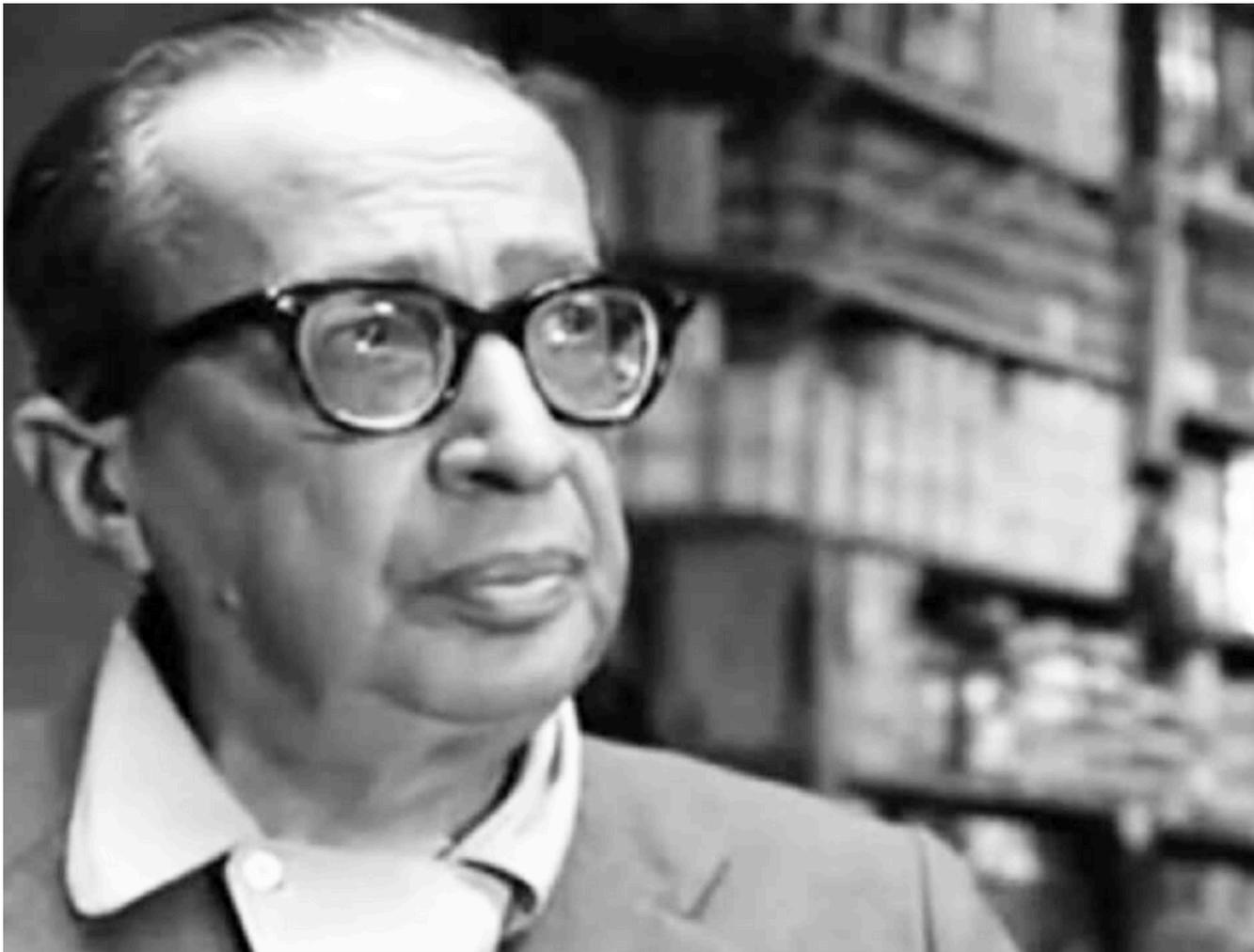


APRENDER!

O BICHO

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira



Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho foi um poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. É considerado como parte da geração de 1922 do modernismo no Brasil. Seu poema "Os Sapos" foi o abre-alas da Semana de Arte Moderna.

UM BEIJO NA MULTIDÃO

NÁDIA RODRIGUES, AURILENE GOMES MONTEIRO

Quatro horas da tarde, quando o calor começava a diminuir, saí com minhas amigas: Daiana, Simone, Aurilene e Fátima. Estava acontecendo a festa da padroeira de minha cidade e, como todo ano acontece, uma multidão chega ao município e se aglomera no pequeno parque de festas e vaquejadas destinado às comemorações.

Eu estava feliz porque minhas amigas iriam comigo à festa. Fazia calor e de tarde, uma destas tardes de festa e sol, ainda perto de minha casa, havíamos encontrado alguns amigos e nos divertíamos sem dar conta de que a noite se aproximava rápido.

Em pouco, era noite fechada. Mas isso não nos preocupava porque o lugar era bem iluminado e minha cidade é bem pequena. Todos me conheciam e eu conhecia todos também, exceto os visitantes – pessoas que não moravam em nossa localidade e que estavam ali só por conta da festa. Mas, de toda maneira, era um ambiente seguro. Já tarde da noite, cansada do movimento da festa; cansada de passar muitas horas em pé, percebi que havíamos nos perdido, umas das outras.

Como eu era a anfitriã, pus-me a procurá-las. Para isso fui me aproximando do palco no qual acontecia a apresentação principal. Não me encorajei a me aproximar demais, porque a multidão se aglomerava e eu não gosto de aperto e empurra-empurra.

Para minha surpresa, de longe avistei um rapaz que me sinalizava, dando a entender que queria me falar algo. Preocupei-me. Já era tarde e certamente era alguém que vinha me dizer algo ruim sobre minhas amigas.

Apesar de minha cidade ser pequena, do interior e muito familiar, elas, minhas amigas, não eram dali, não conheciam ninguém e, além disso, a cidade estava cheia de gente de fora. Nisso uma briga a poucos metros de onde estava fez a multidão afastar-se em onda, levando-me para perto do rapaz.

Já ao pé do palco, onde estávamos, devido muito mais ao movimento da massa que assistia ao show do que ao meu querer, era impossível andar. Enquanto o povo dançava, eu fazia esforço no sentido de me aproximar.

Enfim chegamos perto, um do outro. Eu tinha a impressão de que meus pés estavam em carne viva! Quando fui perguntar pelas minhas amigas, o atrevido segurou minha nuca e me beijou.

- Safado! Não!

Foram meus primeiros pensamentos. Tentei empurrá-lo. Não havia espaço. Mas quando dei por mim, retribuía o beijo. Sem me governar, abandonei-me por um momento. Fomos interrompidos por outro solavanco da multidão. Ele segurou minha mão e com calma me tirou da turba. Ficamos juntos por um tempo. Na verdade, há algum tempo paquerávamos. Só muito depois me lembrei das meninas.

- Oh, meu Deus! Preciso procurá-las.

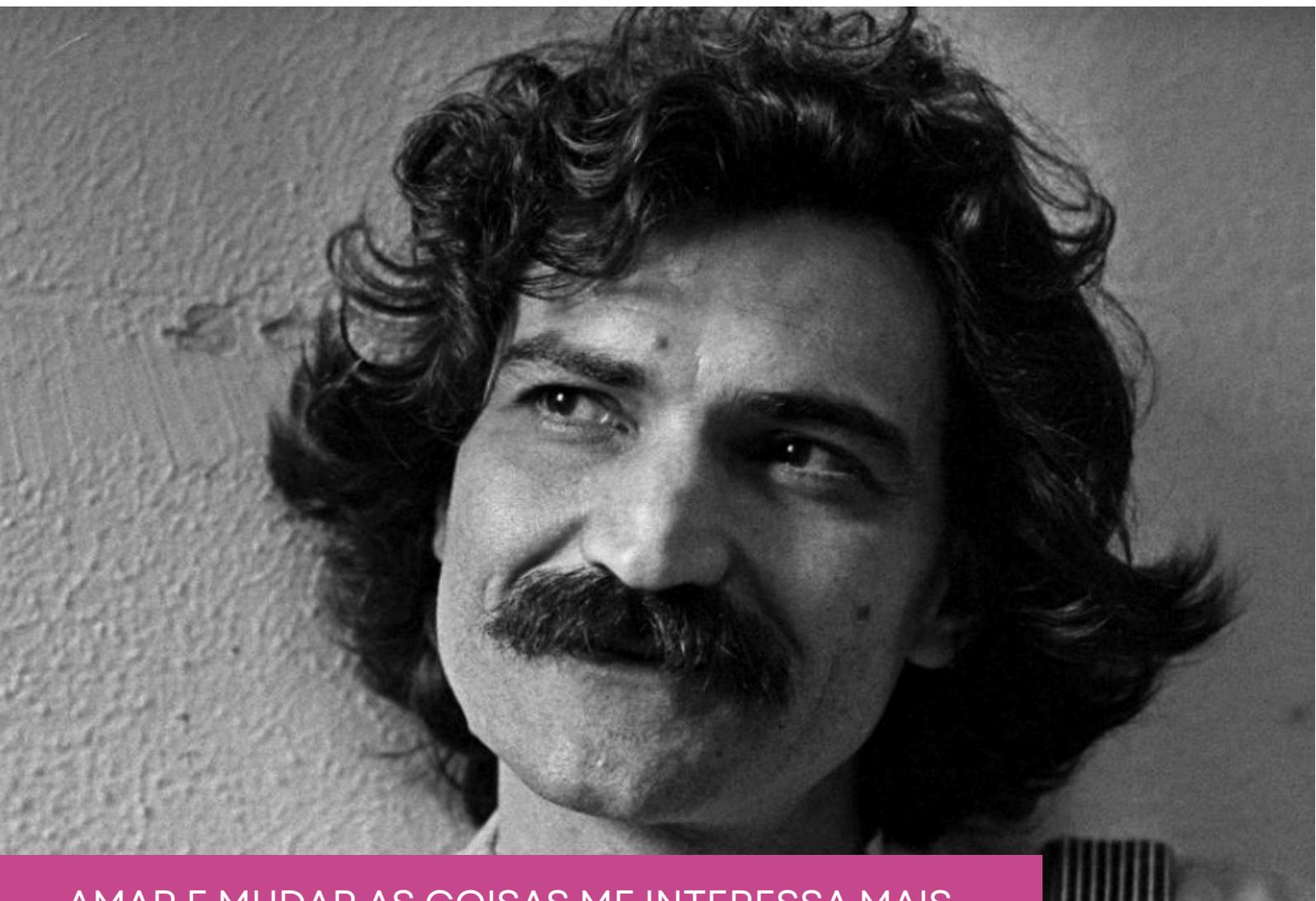
O rapaz me ajudou. Por fim, nada encontramos. Perto das quatro horas da manhã, eu estava arrasada: suada, empoeirada, com calo no pé, com sono e preocupada com minhas amigas. Mas, ainda assim, só pensava na minha cama. Cavalheiro, o rapaz me conduziu até minha casa.

Despedimo-nos com um longo beijo. Ele prometeu me procurar na noite seguinte. Entrei em casa na ponta dos pés. Aliviada, constatei que todas já dormiam. Não imaginavam elas que eu estava cheia de novidades para contar. Fui tomar um banho antes de deitar, afinal estava imunda! A água quentinha estava deliciosa. Por mim, eu não saía jamais debaixo daquele chuveiro.

Despertei como minha mãe me chamando: “Nádia, acorde! Você está sonhando, menina. Está chamando por um tal príncipe e fez xixi na cama”!

BELCHIOR

REPERTÓRIO
CULTURAL



... AMAR E MUDAR AS COISAS ME INTERESSA MAIS...

Antônio Carlos Belchior, mais conhecido como Belchior nasceu em Sobral, no Ceará, em 26 de outubro de 1946 e morreu em Santa Cruz do Sul, no dia 30 de abril de 2017. Foi um cantor, compositor, músico, produtor, artista plástico e professor brasileiro. Era um dos membros do chamado "Pessoal do Ceará", que inclui Fagner, Ednardo, Amelinha e outros. Belchior foi um dos primeiros cantores de MPB do nordeste brasileiro a fazer sucesso internacional, em meados da década de 1970.



Festas de padroeiro

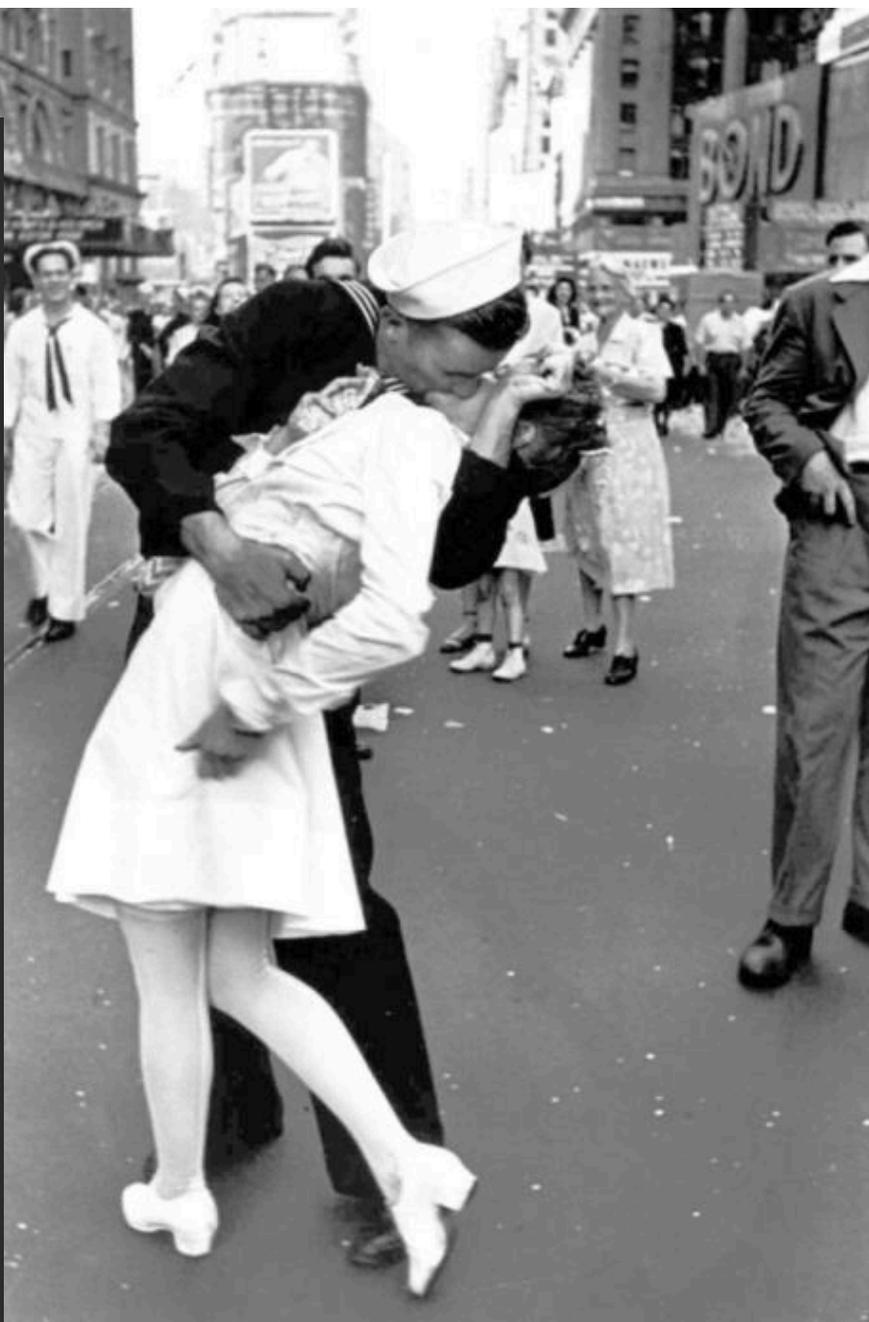
As festas de padroeiro são um evento cultural e gastronômico que ocorre anualmente, sendo comum em diversas cidades do interior. Remontam à Idade Média e continuam ativas em mais de dez mil cidades espalhadas pelo Brasil. Estas festas, inicialmente, resumiam-se a celebrações religiosas nas quais os seguidores ou fiéis rezavam e faziam suas oferendas. Com a popularização da música, a conotação de festejo popular ganhou terreno e hoje o profano e o sacro dividem a mesma data.

UM BEIJO NA MULTIDÃO

Aos 92 anos de idade, morreu a ex-enfermeira norte-americana Greta Friedman, eternizada em uma foto que a mostra beijando o marinheiro George Mendonsa durante uma celebração em Nova York pelo fim da Segunda Guerra Mundial.

O anúncio foi feito pelo filho de Friedman, Joshua, citado pela emissora "CBS". O marinheiro e a enfermeira estavam na Times Square quando ouviram o anúncio de que o Japão havia se rendido, colocando fim ao maior conflito da história.

Mendonsa saiu comemorando pelas ruas, encontrou uma bela mulher vestida de enfermeira e deu-lhe um beijo cinematográfico. A cena foi registrada pelo fotógrafo Alfred Eisenstaedt, da revista "Life" e rodou o mundo.





~
NÃO
É
~
NÃO

!!!



PROFESSOR LUCIANO

Nas fotografias desta página: vencedor do Prêmio Professores do Brasil, o professor Luciano Guedes visita Brasília e concede entrevista à TV Escola.



Alunos da EJA entrevistam o professor Luciano Guedes, destaque em nível nacional pelos projetos que desenvolveu.

EDUARDO RODRIGUES SEVERO, FRANCISCO ANDERSON DA SILVA,
FRANCISCO EDSON PEREIRA DE MOURA, ISAAC VIEIRA DA SILVA.

RD: boa noite, professor Luciano.

LG: Boa noite!

RD: professor, qual o seu nome completo?

Luciano Guedes Siebra.

RD: qual sua formação?

Sou professor de biologia.

RD: só de biologia?

Sim.

RD: quando você decidiu ser professor?

Bom, ao entrar na faculdade de biologia eu não tinha o propósito, a vontade de ser professor. Mas, quando eu comecei a estagiar, despertou a vontade, eu percebi que realmente tinha vontade, e minha profissão seria a de professor. *Me apaixonei* perdidamente quando comecei a lecionar.

RD: quando foi que o senhor percebeu essa paixão?

LG: Já nos estágios da faculdade, percebi que ensinar me alegrava.





RD: em quantas escolas o senhor trabalha atualmente?

LG: No momento eu trabalho em duas escolas. Trabalho na escola Wilson Gonçalves (Colégio Estadual). Sou coordenador de lá e trabalho à noite na escola Estado da Bahia, essa escola que estou aqui nesse momento.

RD: há quanto tempo professor da rede pública?

LG: Há 19 anos.

RD: sempre trabalhou nestas duas escolas?

LG: já trabalhei em outra escola. Minha profissão como professor teve início no município de Araripe, há quatro anos eu estou aqui no Crato.

RD: qual o projeto realizado, realizando-se ou a realizar-se? O senhor poderia falar sobre isso?

LG: na antiga escola em que eu trabalhava em Araripe, eu desenvolvi alguns projetos de pesquisa juntamente com os alunos de ensino médio.

Especificamente, foram projetos desenvolvidos com alunos do segundo e terceiro anos do ensino médio regular.

RD: o que o levou a elaborar estes projetos?

LG: a necessidade de mudar a prática de sala de aula, e, ao mesmo tempo, refazer minha prática de professor. Os anos são muito repetitivos, então a necessidade de criar algo novo surgiu. Foi a partir dessa repetição, ano a ano, que surgiu em mim esta vontade de reinventar minha prática pedagógica.

RD: o senhor é autor de um projeto vencedor no concurso “Professores do Brasil”. Poderia nos falar um pouco a respeito?

LG: Eu concorri com o projeto “Sustentabilidade no Monitoramento e controle do Aedes Aegypti: uma alternativa ecossistêmica para uma problemática nacional”. A execução abrangeu diversas ações educativas que foram desenvolvidas simultaneamente

“O aluno da escola pública precisa acreditar em si mesmo e saber que ele é capaz.”

Luciano Guedes Siebra é professor estadual, especialista em Educação Ambiental. Recebeu o prêmio Professores do Brasil 2011 - 5ª Edição. Ganhou o Prêmio Professores do Brasil, em 2009, na 3ª Edição. Foi campeão da IV Feira de Ciências e Cultura 2010.

ao trabalho investigativo. isso foi fundamental para o sucesso do trabalho. Dentre estas ações, podemos destacar as oficinas de educação ambiental e de literatura de cordel, os mutirões nas áreas monitoradas, a participação dos alunos em programas da rádio municipal, além de gincanas educativas para prevenção da dengue. Durante a execução do projeto, estiveram envolvidos diretamente 40 estudantes, sendo 15 do terceiro ano, 14 do segundo ano e 11 do primeiro ano. No entanto, a maioria dos alunos da escola esteve participando dos eventos pedagógicos promovidos ao longo do ano. Portanto, os trabalhos de pesquisa associados às ações pedagógicas alicerçaram o trabalho e renderam muitos frutos. Dentre estes poderíamos destacar: desenvolvimento de hábitos de leitura, maior integração

e socialização entre os participantes, melhoria do rendimento escolar.

RD: quais foram as maiores dificuldades enfrentadas?

LG: A maior dificuldade foi conciliar o meu tempo de sala de aula, como professor, com a orientação do projeto. Os projetos são muito bons, é gratificante o trabalho, mas absorve muito a gente. Nosso tempo é um pouco curto como professor. Temos que conciliar a sala de aula com a orientação dos trabalhos.

RD: gostaríamos que o senhor deixasse uma mensagem para os estudantes. Seria possível?

O aluno da escola pública precisa acreditar em si mesmo. Ele precisa saber que é capaz de alcançar os mais altos degraus, desde que tenha confiança e dedicação. Nós, professores da escola pública, temos a mesma origem dos nossos alunos que hoje estão aqui. Então se nós nos esforçamos, nossos pais acreditaram na gente e nós fizemos por merecer de estarmos aqui como professor, certo?

“O aluno da escola pública precisa acreditar em si mesmo e saber que ele é capaz.”

Vencemos através do nosso estudo, nosso esforço. Antes as dificuldades eram maiores do que hoje. Então, todos vocês que são alunos do ensino médio, da EJA, da escola pública em si, são capazes de conseguir alcançar todos os seus sonhos, né?

RD: receba nossos agradecimentos, professor.

LG: muito obrigado a todos vocês.

Luciano Guedes Siebra é professor estadual, especialista em Educação Ambiental. Recebeu o prêmio Professores do Brasil 2011 - 5ª Edição. Ganhou o Prêmio Professores do Brasil, em 2009, na 3ª Edição. Foi campeão da IV Feira de Ciências e Cultura 2010.



Equipe responsável pela entrevista. Embaixo, da esquerda para direita, os alunos Anderson, Eduardo e Isaac. Acima, O aluno da EJA Francisco Edson Pereira de Moura foi o responsável pela digitação da entrevista, transformando um texto oral em escrito, tornando possível a leitura de muitos outros.



“



**SE AVEXE
~
NÃO**

QUE AMANHÃ PODE

**ACONTECER
TUDO, INCLUSIVE
NADA...**

”

FLÁVIO JOSÉ, CANTADOR.

MARIELLE FRANCO

**"SIM, MEU BLACK
INCOMODA. MINHA
NEGRITUDE INCOMODA.
RACISMO: NÃO
PASSARÁ!"**

Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco nasceu em 1979 e morreu em março de 2018, foi uma socióloga, ativista e política brasileira. Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro para a Legislatura 2017-2020, durante a eleição municipal de 2016, com a quinta maior votação. Defendia o feminismo, os direitos humanos, e criticava a intervenção federal no Rio de Janeiro e a Polícia Militar, tendo denunciado vários casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes.



LEERS

LEITURA | ESCRITA | RESPONSABILIDADE SOCIAL



Revista Discentes

Revista do ensino médio do estado do Ceará!

**Nós acreditamos numa
educação pública universal
de qualidade.**

Revista Discentes

